


ANÁLISE DE UM CARTAZ DE CAMPANHA COMUNITÁRIA PELA PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

*ANALYSIS OF A COMMUNITY CAMPAIGN POSTER FROM THE ENUNCIATIVE-DISCURSIVE PERSPECTIVE OF THE
BAKHTIN CIRCLE*

JULIANA PIMENTEL AJALA

Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9677-0469>

MILENA MORETTO

Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1924-1678>

LUZIA BUENO

Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-1397-1482>

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar um texto do gênero campanha comunitária apontando aspectos relevantes para a compreensão textual que são ressaltados a partir da dialogicidade entre elementos linguísticos e não linguísticos. Como fundamentação teórica apoiamos-nos, principalmente, na perspectiva do Círculo de Bakhtin e na Gramática do Design Visual – GDV (Kress e van Leeuwen, 2021). Quanto à metodologia, trata-se de um trabalho de cunho qualitativo-interpretativo, na qual as análises partem de conceitos bakhtinianos e das metafunções propostas pelo GDV. Esta pesquisa justifica-se devido à constatação de que os textos que circulam atualmente, mais do que nunca, valem-se da multimodalidade a fim de construir significados e transmitir ideias e ideologias. Sensível a este fato, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) propõe um trabalho que parta também de textos que se enquadram nessa categoria, de modo que o entendimento do funcionamento da multimodalidade presente em textos visuais passa a ser uma necessidade na formação dos estudantes de Letras e Pedagogia, futuros professores que lidarão diretamente com a linguagem. Os resultados sugerem que leitura desse tipo de texto, sendo entendido como um ato semiótico único, pode contribuir significativamente para a construção de significados, compreensão da mensagem a ser transmitida e formação de ideologias.

PALAVRAS-CHAVE: Texto multimodal; Formação de ideologia; Círculo de Bakhtin; Gramática do design visual; Formação de professores.

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze a text belonging to the community campaign genre, pointing out relevant aspects for text comprehension which are highlighted from the dialogicity between linguistics and non-linguistic elements. This study is mainly based on the perspective of Bakhtin Circle and on the Grammar of Visual Design - GVD (Kress e van Leeuwen, 2021). Regarding the methodology, this is a qualitative-interpretative work, in which the analyses are based on Bakhtinian concepts and the metafunctions proposed by the GVD. This study is justified by the observation that the texts currently circulating, more than never before, make use of the multimodality in order to construct meanings and transmit ideas and ideologies. Being aware of this fact, the National Common Curricular Base - BNCC (Brazil, 2018) proposes an approach that also starts from texts within this category so that understanding how multimodality works in visual texts becomes part of the training of Languages and Pedagogy students- future teachers who will work directly with language. The results suggest that reading this type of text, understood as a unique semiotic act can significantly contribute to meaning construction, message comprehension and the formation of ideologies.

KEYWORDS: Multimodal text; Formation of ideology; Bakhtin Circle; Visual design grammar; Teacher training.

INTRODUÇÃO

Ler e estudar a teoria propagada pelo Círculo de Bakhtin é ter a possibilidade de compreender que o discurso é mais que simples **palavras proferidas**, ou seja, é entender que a cada novo enunciado uma gama de interpretações e possibilidades de respostas se apresentam, de forma que o conhecimento veiculado pelo Círculo faz-se cada vez mais necessário no âmbito acadêmico, educacional e para todos aqueles que se dispõem a trabalhar com a linguagem em seu aspecto amplo e ao mesmo tempo íntimo e particular.

Aprofundar-se na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, assinada por Volóchinov (2018), por exemplo, é uma oportunidade de entender sobre o que é a realidade sociodiscursiva. Em outras palavras é capacitar-nos para observar os discursos e entrever a sua importância no contexto social, assim como notar a importância do discurso do outro na materialização dos nossos próprios discursos. A partir deste estudo e compreendendo que a comunicação entre os falantes dá-se pela manifestação concreta da linguagem em interação, conseguimos compreender as relações dialógicas¹ de uma maneira realmente significativa.

Entender o Círculo de Bakhtin² implica compreender as relações sociais que acontecem por meio das interações discursivas, implica perceber e aprender a lidar de forma mais eficiente com a linguagem, não apenas oral, mas também escrita, assim como, com todos os recursos multissemióticos que envolvem as situações de comunicação.

Desta forma, assumimos como objetivo principal deste trabalho a análise de um texto multimodal, fundamentada na teoria bakhtiniana (Bakhtin, 2000; Volóchinov, 2018) e na Gramática do Design Visual – GDV (Kress e van Leeuwen, 2021), neste caso, um texto de campanha comunitária que incita a paz no ambiente escolar. Tal proposta de cunho pedagógico é colocada a fim de que possamos entender como os indícios presentes nesse texto podem ser relevantes para que se cumpra o objetivo da campanha: mobilizar o público-alvo — pessoas envolvidas com a escola de alguma forma — a colaborar com o movimento de paz.

Para tanto, o cartaz da campanha, enquanto gênero discursivo inserido no documento curricular para trabalho pedagógico, na formação escolar, parece agir em consonância com aquilo que se propõe, ou seja, incentivar a paz, sem imposição, evidenciando que é possível elementos aparentemente distintos conviverem em harmonia. Além disso, temos a intenção de contribuir com as discussões acerca da multimodalidade presente nos textos verbo-visuais, uma vez que ainda não temos uma tradição de análise desses aspectos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz à tona a necessidade de um trabalho que contemple também essa temática.

¹ Conforme Volóchinov (2018, p. 219), “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”

² “Compreender o que se denomina pensamento bakhtiniano significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Sendo um homem de seu tempo, não produziu sozinho nem esteve excluído das circunstâncias benéficas e malélicas de um longo período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970” (Brait, p.15-16). Entre os intelectuais que compõem o Círculo estão Volóchinov, Medviédev, Zubakin, Kanaev entre outros.

Em outras palavras, este texto tem a intenção de mostrar uma possibilidade de como podemos contemplar a BNCC, seja na formação dos estudantes de Letras e Pedagogia no Ensino Superior, futuros professores, seja na formação de alunos da educação básica, sendo esta uma preocupação das autoras que atuam tanto na formação inicial quanto na formação de professores em cursos de graduação e em cursos de extensão universitária.

Com a finalidade de atender ao objetivo traçado anteriormente, apoiamo-nos em alguns conceitos propostos pelo Círculo de Bakhtin, entre eles, o conceito de signo ideológico, enunciado, tema, significação. Além disso, trouxemos algum conhecimento sobre a Gramática do Design Visual, como as metafunções denominadas representacional, interativa e composicional, a fim de embasarmos as análises e interpretações realizadas dos signos não verbais presentes no texto.

Para facilitar a leitura aos leitores, este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira, apresentamos os aspectos introdutórios do trabalho. Na segunda seção, discutimos conceitos-chave sob a ótica do círculo de Bakhtin. Na terceira seção abordamos conceitos da Gramática do Design Visual que nos ajudaram a perceber o elo existente entre elementos extralinguísticos e a teoria bakhtiniana. Na quarta seção, apresentamos a análise dos dados a partir de um cartaz da campanha comunitária e expomos a forma como podem ser evidenciados aspectos da linguagem presentes no texto à luz dos ideais bakhtinianos. Por fim, na quinta e última seção, passamos às considerações finais, na qual apresentamos as percepções de forma global deste estudo.

A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

O Círculo de Bakhtin contribui com os estudos relacionados à linguagem na medida em que problematiza teorias vigentes em sua época (e que, em alguns casos, perduram até a atualidade) e propõe uma nova perspectiva para se entender a língua e a linguagem como produção de sentidos, tendo por base o dialogismo, princípio constitutivo do enunciado. Para tanto, os integrantes do Círculo, entre eles Volóchinov e Medviédev, defendem a língua/ linguagem como algo construído socialmente, a partir de enunciados materializados nas mais diversas esferas de atividades humanas. Para esses autores, tais enunciados concretizam-se a partir da dialogicidade com outros enunciados que, por sua vez, estão imersos em ideologias, valores axiológicos e materializam-se sob a forma de atos de fala, em um espaço-tempo específico.

A concepção de linguagem defendida pelo Círculo formou-se a partir da tensão e da dialogicidade entre duas outras concepções: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. De forma sucinta, podemos afirmar que a primeira entende a língua como algo interno, intrínseco ao humano, algo que vem de dentro, da consciência, é uma criação da psiquê humana, não havendo relação direta com o meio externo, com o outro ou com os órgãos que permitem a produção dos sons e, conseqüentemente, das palavras. Para essa corrente teórica, a língua é, então, uma criação individual, que acontece na psiquê humana e o enunciado é monológico, desconsiderando o outro, já que é um movimento exclusivamente de dentro do sujeito para o meio.

A primeira tendência [subjetivismo individualista] analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua (ou seja, todos os fenômenos linguísticos sem exceção). O psiquismo individual representa a fonte da língua. As leis da criação linguística – uma vez que a língua é formação e criação ininterrupta – na verdade são leis individuais e psicológicas; são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. Elucidar um fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato individual e criativo consciente (muitas vezes até inteligente) (Volóchinov, 2018, p. 148).

Por outro lado, a concepção de língua seguida por aqueles que defendem o objetivismo abstrato, cujo principal representante é Saussure, fundamenta-se pela ideia de que a língua é um sistema autônomo, concreto, relativamente estável. Em outras palavras, em seus estudos, vinculou a língua ao sistema (parte imanente), e a linguagem como sistema de signos onde por operarem relações dialógicas, não rediscutindo as questões de ordem individual e social. Desta forma, pode-se dizer que, por essa perspectiva, a língua é um sistema independente do sujeito falante. Para essa corrente, a fala é algo individual e, portanto, não merece atenção do ponto de vista dos estudos específicos sobre a língua.

Do ponto de vista da segunda tendência [objetivismo abstrato] já não se trata da criação consciente da língua pelo indivíduo falante. A língua contrapõe-se ao indivíduo como uma norma inviolável e indiscutível, à qual só lhe resta aceitar. Caso o indivíduo não perceba alguma forma linguística como uma norma indiscutível, ela existirá para ele não como uma forma da língua, mas simplesmente como uma possibilidade natural do seu aparelho psicofísico individual. O indivíduo recebe o sistema da língua da coletividade falante de modo totalmente pronto, e qualquer mudança dentro desse sistema encontra-se fora dos limites da sua consciência individual. O ato individual de pronúncia de qualquer som se torna um ato linguístico apenas na medida em que ele pertence ao sistema linguístico imutável em um dado momento e é indiscutível para o indivíduo (Volóchinov, 2018, p. 156-157).

É importante observar a diferença daquilo que preconiza a teoria bakhtiniana, pois, para os estudiosos do Círculo, o objeto de estudo da filosofia da linguagem é justamente o enunciado:

O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo. [...] O enunciado como tal é inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação de fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante (Volóchinov, 2018, p. 216).

Por conseguinte, podemos entender, portanto, que os enunciados estão repletos de ideologias, posto que a palavra é um fenômeno ideológico por excelência. Por esta razão, faz-se importante esclarecer dois aspectos fundamentais: o conceito de ideologia e o de signo ideológico. Miotello (2020) nos traz a definição de ideologia dada por Volóchinov, em 1930, no livro “Que é a Linguagem”, como “todo o conjunto de reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas” (Miotello, 2020, p. 169). Quanto ao signo, este é um elemento formado por

um significado e uma parte material que pode ser sonora ou visual e que surge entre indivíduos socialmente organizados em momentos de interação.

Os signos também são objetos únicos e materiais e [...] qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo que é ideológico possui significação signica* (Volóchinov, 2018, p. 93).

Conforme Miotello (2020), para Marx, as ideologias são implantadas pelas classes dominantes nas classes dominadas, criando uma espécie de “falsa consciência”, de forma que a base não percebe a realidade. Isso para que se mantenha o *status quo*. Contudo, de acordo com a autora (2020), Bakhtin parece não concordar com esse pensamento marxista e, por isso, trata a ideologia como algo concreto e dialético, assim como faz com o signo.

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção do mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida (Miotello, 2020, p. 168-169).

Entendemos pela fala acima, que Bakhtin não nega completamente a ideologia oficial, porém não descarta as questões dialéticas que surgem no cotidiano. Em outras palavras, a ideologia do cotidiano com o tempo acaba afetando de alguma maneira a ideologia oficial, porém de forma penosa e em um longo período de tempo, pois não há como negar a existência de relações de poder que estão por trás das ideologias e, portanto, da tentativa por manter a oficial em riste. De todo modo, importante evidenciarmos que a ideologia da superestrutura (oficial) e da infraestrutura (do cotidiano) não são lados opostos de uma mesma moeda, mas estão sempre em uma relação dialógica.

Nesse contexto, é necessário ressaltar que, ao falarmos de relação dialética, de signo ideológico, estamos falando da linguagem, da comunicação e de tudo que nela está envolvida, ou seja, os signos verbais e os signos não verbais, uma vez que entendemos a linguagem como algo que vai além da língua em si. É importante esclarecer este ponto não só porque, mais para frente, na análise olharemos para os signos verbais e para aqueles constituídos por imagens, mas também porque é importante compreender que a comunicação envolve além da língua, os gestos, olhares, expressões faciais, entonação de voz, silêncios. Por isso, atualmente, devido à difusão das mídias digitais, temos a questão dos sons, ruídos, músicas, imagens estáticas e em movimento, entre tantas outras formas de linguagem e comunicação.

[...] o estudo das ideologias, para Bakhtin e para o seu Círculo, deveria seguir as seguintes regras metodológicas: (a) não separar a ideologia da realidade material do signo; (b) não dissociar o signo das formas concretas da comunicação; (c) não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material. (Miotello, 2020, p. 175)

Entendemos, então, que o trabalho de análise dos signos deve ser sempre respaldado em seu contexto, considerando o sujeito enunciador e o receptor, a situação de comunicação, a esfera de atividade humana, as tensões dialógicas que podem estar em jogo naquela situação, assim como o gênero textual escolhido para a materialização da enunciação e o seu suporte. Como podemos ver a seguir, tal ideia é reforçada por Kress³ e Van Leeuwen⁴ (2021, p. 3) quando estes autores estão se referindo à análise de imagens: “[o]s significados surgem na ação e interação social, são parte dos recursos culturais de uma comunidade e são materializados nos modos semióticos específicos de uma sociedade”.

Em outras palavras, podemos dizer que o signo é neutro até que seja colocado em um contexto, até que seja usado com uma intencionalidade. Uma palavra ou uma imagem será atribuído um sentido, um significado apenas no ato enunciativo, considerando-se a esfera de atividade humana, o contexto de produção e recepção, as intenções do enunciador e a compreensão do receptor, sempre em uma relação dialógica.

A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

A Gramática do Design Visual (GDV) é o resultado de um estudo realizado por Gunther Kress e Theo van Leeuwen. Nela encontramos uma contextualização teórica, demonstração de estudos analíticos e práticos. Enquanto teoria de estudo, centra-se na análise de imagens a partir da disposição e da combinação dos elementos em uma mancha gráfica/ em um ato semiótico, buscando por significados possíveis, sempre pautando-se no contexto de produção da imagem/ texto como um todo e em um contexto mais amplo por trás desse texto. Dessa forma, pode-se notar uma aproximação entre aquilo que traz Bakhtin quando faz referência ao discurso do enunciado e o discurso do contexto para além do enunciado, do discurso, que o construiu.

³ Gunther Kress foi um linguista e semiótico, professor de Inglês e Diretor da Escola de Cultura, Linguagem e Comunicação do UCL Institute of Education, na Grã-Bretanha. Ele fez parte do Grupo de Nova Londres, que trouxe à luz discussões acerca dos multiletramentos. Seus estudos voltam-se para as questões de linguagem e aprendizagem, semiótica, letramento visual e os letramentos multimodais (considerado por ele de extrema importância para a comunicação como um todo, particularmente, para as mídias de massa. Entre suas publicações estão “Linguagem como ideologia” (com Bob Hodge); “Semiótica social” (com Bob Hodge); “Escrita precoce”; “Aprender a escrever”; “Multimodalidade: uma abordagem social semiótica para a comunicação contemporânea” e “Multimodalidade, aprendizagem e comunicação” (com Jeff Bezemer).

⁴ Theo Van Leeuwen é linguista e semiótico, professor de Linguagem e Comunicação na Universidade do Sul da Dinamarca e Professor Honorário na University of New South Wales, Austrália. Entre suas publicações estão “Discurso Multimodal: os modos e meios de comunicação contemporânea” (com Gunther Kress) e “Multimodalidade e Identidade”.

Kress e Van Leeuwen (2021), autores que desenvolveram o estudo da Gramática do Design Visual, dividem o seu modelo de análise em três eixos ou metafunções: representacional, interativa e composicional. O Quadro 1 mostra a conceitualização das três metafunções/ eixos.

Quadro 1: Metafunções da GDV

Representacional	Indica o que está sendo apresentado no texto em termos de representação e em quais circunstâncias.
Interativa	Procura analisar a interação entre os participantes (interativos e representados).
Composicional	Mostra a estrutura e os significados construídos a partir da organização textual.

Fonte: Leal (2021, p. 116).

A **metafunção representacional** traz informações a partir do todo, aquilo que percebemos como informação geral no texto, o que é retratado de forma mais evidente no que tange as representações. Esta metafunção é subdividida em representações conceituais e narrativas. A primeira está ligada a imagens em que não há ação de personagens, os participantes acabam sendo representados de forma mais coletiva, segundo características gerais e não específicas.

Nas representações narrativas, conceito que nos interessa no caso de nossa análise, há o processo de ação, no qual temos um participante agente e, possivelmente, um participante para o qual a ação é dirigida, ou seja, que pode estar presente no ato semiótico ou não. O processo de reação verificado nessa metafunção explicita-se por meio do olhar de um participante para o outro; enquanto o processo verbal pode ser caracterizado por balões de diálogo, painéis sem rabicho (que pode ser emoldurado ou não e normalmente usados pelo narrador ou outro tipo de enunciadador), ou onomatopeias e interjeições materializadas com letras de cores e tamanhos diferenciados.

Ainda na metafunção representacional temos as circunstâncias, que podem ser representadas pelo cenário, elementos da paisagem e/ou pelos participantes secundários.

O ponto mais importante neste estágio não é o detalhe da análise, mas a observação de que os modos semióticos de escrita e comunicação visual têm seus meios bastante particulares de expressar relações ativas entre os participantes (pessoas, lugares e coisas representadas, incluindo 'coisas' abstratas), processos (as ações representadas desses participantes) e circunstâncias (por exemplo, o lugar onde essas ações ocorrem). Mas enquanto a língua inglesa⁵ – seja na fala ou na escrita – expressa processos por palavras da categoria 'verbos de ação', visualmente eles são expressos por elementos que poder ser formalmente definidos como vetores, e enquanto a linguagem expressa circunstâncias locativas com advérbios ou frases preposicionais (por exemplo, 'na floresta'), visualmente eles são expressos pelas características formais que criam o contraste entre o primeiro plano e o fundo. Isso não quer dizer que todas as reações que podem ser expressas linguisticamente também possam ser expressas visualmente – ou vice-versa, ou que todas as reações que podem ser

⁵ O mesmo é válido para a língua portuguesa.

expressas visualmente também possam ser expressas linguisticamente. Nem que os dois meios de expressão sejam “os mesmos”, epistemológica ou ontologicamente (Kress e van Leeuwen, 2021, p. 45)⁶.

Com relação à **metafunção interativa**, como o próprio nome sugere, está relacionada às interações entre os participantes representados (os personagens) e os interativos (autor e leitor). Essa interação também tem relação com a ação vista acima, na metafunção representacional, porém pensamos no nível de relacionamento e não simplesmente de ação e reação, de forma que o direcionamento do olhar é importante, contudo, entram em análise outros aspectos, como o contato, a distância social, a atitude ou perspectiva e a modalidade.

[...] o modo visual também tem recursos para constituir e manter outro tipo de interação: a interação entre os participantes e os espectadores das imagens. Outra maneira de dizer isso é que as imagens envolvem dois tipos de participantes, os participantes representados (as pessoas, lugares e coisas que retratam) e participantes interativos (as pessoas que se comunicam entre si por meio de imagens, os produtores e espectadores de imagens) e três tipos de relações: (1) relação entre participantes representados, (2) relação entre participantes interativos e representados; e (3) relações entre participantes interativos (as coisas que os participantes interativos fazem uns aos outros ou uns para os outros por meio de imagens) (Kress e van Leeuwen, 2021, p. 113)⁷.

Quando se trata da linha do olhar, observamos questões de exposição ou de interpelação. No primeiro o leitor é convidado a apenas observar, mas no segundo é convidado a participar. Ao tratarmos da distância social, pensamos no grau de intimidade existente entre leitor e autor, ou leitor e personagens. Essa perspectiva é analisada a partir dos chamados planos de cinema:

⁶ Texto original: *The important point at this stage is not the detail of the analysis, but the observation that the semiotic modes of writing and visual communication each have their own quite particular means of expressing active relations between participants (represented people, places and things, including abstract 'things'), processes (the represented actions of these participants) and circumstances (e.g. the place where these actions occur). But while the English language – whether in speech or in writing – expresses processes by words of the category 'action verbs', visually they are expressed by elements that can be formally defined as vectors, and while language expresses locative circumstances with adverbs or prepositional phrases (e.g. 'in the woods'), visually they are expressed by the formal characteristics that create the contrast between foreground and background. This is not to say that every relation that can be linguistically expressed can also be visually expressed – or vice versa, or that all the relations that can be visually expressed can also be expressed linguistically. Nor is it to say that the two means of expression are 'the same', epistemologically or ontologically.*

⁷ Texto original: *[...] the visual mode also has resources for constituting and maintaining another kind of interaction: the interaction between the producers and the viewers of images. Another way of saying this is that images involve two kinds of participants, represented participants (the people, places and things they depict) and interactive participants (the people who communicate with each other through images, the producers and viewers of images) and three kinds of relations: (1) relations between represented participants, (2) relations between interactive and represented participants; and (3) relations between interactive participants (the things interactive participants do to or for each other through images).*

plano fechado, médio e geral. O primeiro sugere maior intimidade; o segundo, um grau médio; e o terceiro, sugere um distanciamento maior.

A atitude ou perspectiva é vista por meio do ângulo no qual a imagem é representada. A partir dela, é comum a indicação de pontos de vista e ideologias. Os ângulos são três: o frontal, o oblíquo e o vertical. O primeiro denota nível de igualdade; o segundo, distanciamento; e o terceiro, evidencia relações de poder entre os participantes, ou seja, aquele que está por cima detém o poder.

A modalidade, último aspecto da metafunção interativa, está relacionada à confiabilidade que a imagem oferece. Nesse caso, buscamos indícios nas cores, na iluminação, na profundidade, no brilho, na contextualização.

Na sequência, temos a **metafunção composicional** que está relacionada à disposição dos elementos no ato semiótico. Ela subdivide-se em três categorias: o valor da informação, a saliência e o emolduramento.

Há um terceiro elemento: a composição do todo, a maneira pela qual os elementos representacionais e interativos são feitos para se relacionarem entre si, a maneira como eles são interligados em um todo significativo. [...] Em outras palavras, a colocação dos elementos (dos participantes e dos sintagmas que os conectam entre si e ao espectador) os dota do que chamaremos de diferentes valores de informação em relação uns aos outros (Kress e van Leeuwen, 2021, p. 179).⁸

O valor da informação é verificado de acordo com a posição do elemento no ato semiótico, se polarizado ou centralizado, se mais para a esquerda ou mais para a direita, se mais para cima ou mais para baixo. Neste caso teremos ideia de informação dada e nova, ideal ou real, respectivamente.

Na categoria saliência, observamos se os elementos estão com maior ou menor realce, verificamos o tamanho, a intensidade do foco, objetos dispostos em primeiro ou segundo plano, o campo de visão, sugerindo verdades ou informações nebulosas, por exemplo. E, por fim, o emolduramento que olha como as formas estão interligadas, se mais próximas ou mais afastadas, mais ou menos conectadas.

Dessa maneira, podemos notar que assim como analisamos um signo linguístico, conseguimos analisar um signo não linguístico do ponto de vista do seu conteúdo, forma, interatividade, significação e ideologia.

⁸ Texto original: *There is a third element: the composition of the whole, the way in which the representational and interactive elements are made to relate to each other, the way they are integrated into a meaningful whole. [...] In other words, the placement of the elements (of the participants and of the syntagms that connect them to each other and to the viewer) endows them with what we will refer to as different information values relative to each other.*

ANÁLISE DO CARTAZ DE CAMPANHA COMUNITÁRIA

Conforme Bakhtin (2000), os discursos são materializados em gêneros discursivos que são relativamente estáveis e são escolhidos de acordo com as necessidades da situação de comunicação e a esfera de atividade humana.

Todas as esferas de atividades humanas, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma e doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal [...], mas sobretudo pela construção composicional. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (Bakhtin, 2000, p. 279)

No caso do cartaz de campanha, ele tem como objetivo conscientizar a população, convidando a todos para participar de ações para o enfrentamento de uma problemática social. É importante que o cartaz chame a atenção visualmente, por isso é conveniente que haja imagens e/ou cores significativas e o texto deve ser preferencialmente curto, pois a mensagem precisa ser passada rapidamente. Neste gênero discursivo, podemos inferir que é apropriado que a escolha das palavras e a organização dos elementos visuais sejam bem planejadas para que a persuasão seja eficiente a fim de que o objetivo possa ser alcançado.

A escolha do texto para análise deste trabalho deu-se a partir de dois critérios: ter um grau médio ou alto de multimodalidade e abordar de alguma maneira o tema da violência nas escolas. Tais escolhas justificam-se devido ao fato de (i) as pesquisadoras terem interesse pelas questões relacionadas à leitura e produção de textos multimodais, já que foi o tema principal da dissertação de mestrado de uma das autoras (Ajala, 2022) e (ii) por conta de o assunto **violência nas escolas** estar sempre em voga em todas as esferas e níveis educacionais, passando pelos governantes, gestores de educação, professores, estudantes e famílias dos estudantes.

Além do mais, em abril de 2023, o Brasil passou por uma situação de medo com relação à violência no ambiente escolar, pois a partir de um fato, a princípio, isolado de brutalidade dentro de uma escola (um homem pulou o muro de uma creche e matou crianças à machadada), que aconteceu em 05 de abril de 2023; uma série de *fake news*⁹ começou a circular, em um movimento que dizia pretender “fazer um massacre” nas escolas de todo o país no dia 20 de abril. Por outro lado, em resposta, tensionando o discurso de violência e ódio, um movimento de paz começou a brotar, numa busca por restauração da ordem e tranquilidade, pois os educadores institucionais, em particular, entenderam que os ânimos precisavam ser acalmados, as famílias tranquilizadas e as crianças e adolescentes precisavam se sentir seguras nas escolas novamente.

⁹ As *fake news* podem ser consideradas um problema comum à Era tecnológica, pois, em geral, é por meio de dispositivos eletrônicos que informações falsas, maliciosas e com fins ilícitos circulam mais facilmente. Contudo, esclarecemos que elas não são nosso objeto de investigação, mas um agravante e uma justificativa para o estudo sobre o tema de que tratamos.

Toda essa contextualização do momento histórico é importante para que se entenda que aquilo que presenciamos em um determinado discurso na verdade trata-se da reverberação de discursos anteriores; quer dizer, um enunciado atual é construção ou a interligação de uma série de outros enunciados, produzidos em outros momentos, por outros sujeitos, com características que se assemelham de alguma forma, e que chegaram até nós. Que por nossa vez, vamos recebê-lo, interpretá-lo e passar adiante, dando continuidade a essa cadeia enunciativa. É preciso esclarecer que, no parágrafo anterior, foi posto que o fato a princípio tinha sido isolado, mas reforçamos aqui a questão do “a princípio” porque entendemos que esse evento, na verdade, é a reverberação de outros eventos e, portanto, outros discursos. O evento em questão é uma espécie de marco, mas não pode ser considerado o único responsável pelo desencadeamento das *fake news* mencionadas acima.

Dito isso, segue o cartaz da campanha para ser analisado.

Figura 1: Cartaz de Campanha Comunitária



Fonte: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2018). Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/campanhas-e-eventos/saber-amar-e-saber-respeitar-2018/71861-material-de-divulgacao>. Acesso em 09 maio 2023

O texto acima foi publicado na página virtual da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, no ano de 2018. Conforme o próprio site, esta confederação conta com 50 entidades filiadas, distribuídas entre diversos estados brasileiros. O objetivo dessa instituição é buscar

melhores condições de trabalho para os profissionais da educação, assim como a garantia dos direitos sociais. Importante ressaltar que o trabalho conta com a mobilização dos envolvidos, de forma que percebemos características comuns a organizações sindicais.

Conforme vimos anteriormente, a linguagem se materializa no enunciado, que por sua vez, está imbricado em uma esfera da atividade humana, a qual é constituída por uma série de gêneros do discurso. No caso da Confederação, que está envolvida com sindicatos, os textos do gênero campanha são bastante comuns, sendo este o caso do texto escolhido para a nossa análise.

Começaremos com uma descrição global do texto, para depois nos atermos aos detalhes das partes. O texto tem um fundo amarelo escuro ou laranja; temos a imagem de um homem do lado esquerdo da folha; do lado direito temos três enunciados verbais: um no alto da folha, com letras grandes, brancas e com preenchimento forte; um mais abaixo, mais ou menos no meio da folha, escrito com letras um pouco menores, em preto; um outro mais abaixo com letras em diversos tamanhos, que convidam o leitor a conhecer mais sobre o assunto.

No canto inferior esquerdo, há outro enunciado verbal escrito em negrito, mas com letras menores que aquelas usadas nos outros enunciados. Na parte inferior, ao centro, temos o logotipo da Confederação, principal promotora da campanha. No canto inferior direito temos os logotipos de outras 3 instituições parceiras. No canto inferior direito, mas acima das logomarcas, há um símbolo representado por duas mãos, uma sobre a outra, de forma que fazem lembrar a representação de um coração.

Kress e Van Leeuwen (2021), chamam a atenção para o fato de que devemos sempre observar os signos, buscando a sua significação dentro de um contexto e não de forma isolada, porque “as estruturas visuais, acreditamos, assim como as estruturas linguísticas, apontam para interpretações particulares da experiência e formas particulares de interação social” (Kress e Van Leeuwen, 2021, p. 3). Essa perspectiva vai ao encontro da perspectiva bakhtiniana, quando explica que o enunciado sempre está inserido em um contexto.

Por esta razão, ao olharmos para o texto, notamos que há uma espécie de divisão: do lado esquerdo predomina a imagem e do lado direito o verbal. Conforme a Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 2021), o que vem à esquerda daquilo que podemos chamar de mancha gráfica/ ato semiótico, ou seja, o cartaz como um todo, é tido como dado, como informação dada, conhecida do interlocutor, e o que vem à direita é tido como informação nova. Tal ideia pode ser confirmada quando olhamos para o site e notamos que o homem representado na imagem é usado em outras campanhas, logo, é conhecido por parte do público-alvo. Por outro lado, à direita temos a informação nova, ou seja, o assunto proposto pela campanha: a paz e a harmonia nas escolas, a não violência no ambiente escolar.

Na imagem em questão, temos a representação de um homem alto, forte, com rosto largo, ou seja, com características típicas daqueles homens que comumente transmitem a ideia ou ideologia de força, poder pela força, e, às vezes, até como símbolo de violência, os popularmente chamados *bad boys*. Porém, este homem representado no cartaz está usando óculos, uma túnica branca e sandálias franciscanas, símbolos da sabedoria, paz, tranquilidade, respeito ao próximo. Há um sorriso, que parece legítimo, uma vez que os olhos estão levemente fechados, quer dizer, é o chamado “sorrir com os olhos”. Todos estes signos imagéticos (óculos, túnica e sandálias franciscanas) são ideológicos e transitam no campo semântico da paz.

Observando pela perspectiva da metafunção representacional, o olhar do personagem está voltado para o leitor, por isso temos a ação do personagem em direção ao leitor. Com

relação à apresentação do personagem, do ponto de vista do distanciamento social (um dos aspectos da metafunção interacional), ele aparece de corpo inteiro, naquilo que chamamos de plano geral, ou seja, está representado de corpo inteiro, até seus pés aparecem na imagem. Indica que não há, pelo menos até aquele momento, uma relação de intimidade entre leitor e personagem. Contudo, olhando para o todo do texto e seu contexto, além da expressão do olhar do personagem, a intimidade pode não estar presente em um primeiro momento, mas percebemos o convite para que haja uma aproximação. Além do mais, a presença dos pés nesta imagem é fundamental quando pensamos na simbologia das sandálias franciscanas.

Na perspectiva do distanciamento social, temos o ângulo frontal, que conota intimidade entre personagem e leitor. Notamos, então, a importância do contexto, pois apesar de o personagem ser retratado por inteiro, o que a princípio seria um distanciamento, temos as sandálias franciscanas como um símbolo de confiabilidade e convite à segurança e, como reforço, o ângulo frontal, que traz a ideia da intimidade, ou da intenção de aproximação.

No aspecto da modalidade, temos o homem à frente, desenhado com linhas e cores nítidas, o que sugere a confiabilidade. O fundo amarelo, na mitologia cristã, conforme o dicionário de símbolos (Chevalier e Gheerbrant, 2022), está relacionado ao divino, é a cor da eternidade. Ideia que nesse contexto coaduna ou reforça os ideais franciscanos.

Se olharmos apenas para esta imagem – o homem com a túnica – já poderíamos afirmar que há um enunciado completo, pois é possível inferir uma relação de tensão entre elementos que, em um primeiro momento, poderiam ser considerados opostos, mas que se unem para argumentar a favor da harmonia, da conciliação, buscando mostrar que é possível haver diálogo pacífico mesmo entre elementos aparentemente opostos.

A imagem em questão é um ótimo exemplo do conceito de ideologia dos signos, isso porque é possível perceber com clareza dois signos fora de seu contexto habitual, mas que dentro do contexto do texto, cerceados pela ideologia e objetivos da campanha, sustentam uma nova ideia, uma nova ideologia: a ideologia da paz praticada por todas as pessoas ou por pessoas de todo tipo. Reforça a ideia trazida no texto verbal de que **todos** podem participar da campanha de paz. Volóchinov (2020) dá um exemplo parecido quando faz referência ao produto de consumo que por si só não é um signo, mas que dentro de um outro contexto pode vir a sê-lo, como é o caso do pão e vinho que se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã.

Em outras palavras, a representação do homem grande, musculoso, queixo largo traz consigo, em um primeiro momento, a ideia de força bruta e violência, de forma que dificilmente imaginaríamos um hindu pacifista com tais características. Os pacifistas comumente são representados magricelas, de baixa estatura, sem cabelo; todavia, no contexto da campanha, a presença do homenzarrão faz todo sentido.

Uma ideologia não tão popular está sendo formada e reforçada e, uma vez que se trata de uma campanha, espera-se que esta ideologia seja reverberada. De certa forma, é isso que aconteceu em abril de 2023, quando após a enxurrada de *fake news* que pretendiam espalhar o medo nas escolas; enunciados de paz no ambiente escolar surgiram de toda parte do país. Conforme Volóchinov (2018, p. 184), “[t]odo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”.

No ano de 2018, por exemplo, houve dois grandes episódios de violência em escolas dos EUA: atos praticados por adolescentes, envolvendo morte de alunos e professores (um com 10

mortos e outro com 17)¹⁰. No mesmo ano, mas no Brasil, tivemos o caso de um garoto de 15 anos, que entrou na escola atirando e feriu 2 colegas¹¹. Já em 2019, no Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, adolescentes entraram em uma escola, mataram 8 pessoas e depois tiraram a própria vida¹². Ou seja, é um tipo de situação que parece estar ficando recorrente.

Além de outros casos de violência de menor gravidade que não chegam à grande mídia, mas que pipocam em nossas escolas diariamente. A título de exemplo, de acordo com o Programa Cipave (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar), registraram-se 175 casos de agressão física a professores nas escolas estaduais apenas no primeiro semestre de 2018. Contudo, em resposta a tudo isso, acabam aparecendo as campanhas de paz.

Pensando não só nos casos de violência citados acima, mas também nos enunciados das campanhas de paz que surgiram em abril de 2023, podemos evidenciar aquilo que o Círculo de Bakhtin traz ao se referir a ideia de temas e enunciados irrepetíveis, gêneros discursivos relativamente estáveis, mas significados repetíveis.

O tema e o enunciado são irrepetíveis, porque estão ligados diretamente ao momento da enunciação, àquele contexto específico, ao enunciador e interlocutor daquela situação específica. Uma mesma fala proferida em situação, contexto diferente acaba sendo um outro enunciado e, portanto, tendo um outro tema, pois a situação é sempre diferente, mesmo que haja semelhanças, nunca será exatamente a mesma.

Com relação aos significados, eles podem ser repetíveis. Por exemplo, a imagem do homem forte pode ser associada à violência com bastante frequência e, portanto, acontece em enunciados e contextos distintos. No entanto, é imprescindível que, ao se fazer uma análise, levemos em conta o contexto, pois a depender dele o signo pode adquirir um novo significado. Em outras palavras, a partir do cartaz como exemplo, podemos afirmar que o enunciado, assim como o tema, é irrepetível porque por mais que a imagem possa ser usada em anos diferentes, por exemplo, foi usada em 2018, podendo ser usada agora em 2023, ou seja, foi usada em contextos diferentes com intenções parecidas, mas não exatamente as mesmas.

Os gêneros discursivos (enunciados orais ou escritos), como já dissemos, são relativamente estáveis. No caso dos textos de campanhas são, normalmente, compostos por signos verbais e não verbais. No texto verbal, é comum que haja letras de cores e tamanhos distintos; porém os dizeres são diferentes, as intenções são diversas, as escolhas das disposições dos elementos podem ser diferentes, apesar de sempre objetivarem uma mensagem harmônica, coerente e a conquista do objetivo.

Os assuntos tratados em um determinado gênero discursivo podem se repetir ou não, dependerá sempre dos objetivos. No caso do texto que estamos analisando, o assunto que é a busca pela paz nas escolas. Outras campanhas já foram feitas com esse mesmo assunto, mas na construção do texto mudam-se alguns detalhes, as situações são distintas (apesar de parecidas), assim como os motivos, mas o cerne da questão acaba sendo o mesmo durante anos em nosso país (assim como em outros lugares do mundo).

¹⁰ Disponível online em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47558612>

¹¹ Disponível online em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/brasil-teve-8-ataques-em-escolas-nos-ultimos-10-anos-veja-os-casos.htm>

¹² Disponível online em: <https://veja.abril.com.br/brasil/tiroteio-deixa-feridos-em-escola-estadual-de-suzano>

O outro signo não linguístico presente no cartaz analisado são as mãos sobrepostas que lembram a representação de um coração. As mãos têm cores diferentes, fazendo parecer que são mãos de pessoas diferentes, o que reforça a ideia de união, que também é o objetivo de campanhas: unir pessoas rumo a um objetivo comum. Esse signo está no canto inferior direito, que segundo a Gramática do Design Visual, é o lugar do novo e do real. Mais uma vez podemos dizer que a posição do elemento no texto reforça uma ideia, pois nova é a ideia de paz e união (fazemos a campanha porque é algo que ainda não conquistamos, portanto, não é realmente conhecida), e real, porque precisamos trazer para o concreto, para a realidade, precisamos tirar do mundo do ideal, a fim de trazer para o mundo do real.

No enunciado “A paz nas escolas começa em cada um de nós” temos explicitada a mensagem da campanha, sugerindo que todas as pessoas são responsáveis pela paz, que ela depende **de cada um de nós**, não sendo responsabilidade de um sujeito apenas ou de uma instituição isolada. As palavras foram escritas com letras maiores que nos outros enunciados, de forma que a mensagem principal ficasse em destaque, ou nos termos da Gramática do Design Visual, que tivesse maior saliência. Além disso, o enunciado foi escrito com letras brancas, cor que simboliza a paz universal, de forma a reforçar, mais uma vez, a mensagem de **paz**. O enunciado está escrito na parte superior direita, que conforme a Gramática do Design Visual indica o novo e o ideal, o que é coerente com o contexto, quer dizer, se há o pedido de paz é porque não há, então a paz seria algo novo, isto é, está no campo do ideal e não do real, quer dizer, não se tornou uma realidade para nós. O enunciado, da forma como foi construído, convoca os interlocutores à ação: agir de forma pacífica.

Aliás, vale destacar neste momento que, sempre que um sujeito produz um enunciado há um objetivo por trás, ele espera de alguma forma uma resposta do outro. Este outro, por sua vez, receberá o enunciado, tentará compreendê-lo, avaliará e dará a sua resposta, que pode ser verbal ou não, imediata ou não. A respeito disso, Volóchinov (2018, p. 140), traz que “[...] em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato da compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva”. Assim, entendemos que quanto mais assertiva for a formulação do enunciado, melhor resposta o enunciador obterá.

O enunciado imediatamente abaixo funciona como uma espécie de exemplo-argumento de autoridade, ao mencionar o nome de *Mahatma Gandhi*, figura reconhecida mundialmente pela sua paz, pelo incentivo à busca pela paz interior e exterior, sugerindo que o interlocutor siga o seu exemplo. Nesse enunciado, a palavra *lutar* também foi usada fora de seu contexto habitual, assim como foi feito com a imagem do homem forte, de queixo quadrado.

Segundo Cereja (2020, p. 204), “levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista bakhtiniano, palavra é indissociável do discurso, palavra é discurso”. Sendo assim, no contexto da campanha, no discurso resultado desse ato enunciativo, a palavra *luta* não está ligada ao tema violência como que de costume, mas ao tema de persistência em um propósito maior, neste caso, a busca pela *paz*, contudo por meio de um agir pacífico, ou seja, procurando coerência entre discurso e ação.

A fim de fazermos a afirmação acima a respeito do tema evidenciado na palavra *luta*, pautamos também na seguinte explicação de Cereja:

O tema do signo só pode ser observado numa situação concreta de enunciação. Identificá-lo exige que se leve em conta não apenas o sentido potencial do signo, mas também o sentido que se assume no momento histórico e na situação específica de enunciação, de acordo com os elementos extraverbaes que participam da construção do sentido, como, por exemplo, a identidade e o *papel* dos interlocutores, a esfera de circulação do signo e a finalidade do ato enunciativo (Cereja, 2020, p. 206).

Nos textos de campanha, os verbos no modo imperativo são comuns. No entanto, são evitados nessa campanha, pois a ideia certamente não é de imposição, mas realmente de convencimento pela paz. A persuasão acontece, principalmente, por meio de argumentos verbais com a combinação dos símbolos ideológicos. Em *Vamos todos cultivar*, temos o verbo *ir* que pode ser uma conjugação no imperativo, mas pode ser visto como um convite a participar do projeto de paz, ou, simplesmente, uma afirmação indicando algo que possivelmente já esteja acontecendo, uma vez que a mesma forma é possível no presente do indicativo. Se a ideia fosse realmente de imposição, ideia de imperativo, melhor seria que se usasse o verbo “cultivar” no imperativo, ou seja, “cultivemos”, assim não haveria dúvida com relação ao modo verbal e, conseqüentemente, a ordem dada.

Com a finalidade de advogar a favor da busca pela persuasão com o envolvimento da campanha, temos o olhar do participante representado pelo homem forte que vai na direção do leitor, funcionando como uma espécie de convite a fim de participar do tema tratado, um “olho no olho”, uma forma de reter a atenção do interlocutor. Nessa perspectiva, temos a interação texto – em seu sentido amplo e complexo – e leitor/receptor. A questão do direcionamento do olhar entre os participantes representados (o homem de queixo quadrado) e o interativo (o leitor), pode ser visto na Gramática do Design Visual, quando é tratada a questão da metafunção interacional.

Por fim, conforme Volóchinov (2018, p. 216), “[...] o enunciado como tal é inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante”. Transpondo para o enunciado que estamos analisando, temos a situação de violência real e cotidiana vivenciada nas escolas, a qual a campanha faz referência direta e tem como objetivo primeiro.

Entretanto também temos os outros enunciados um pouco mais distantes, mas que não deixam de ser atuais: o mais forte e direto é representado pelo nome do pacifista Mahatma Gandhi, os outros aparecem por meio dos signos ideológicos já mencionados em parágrafos anteriores (o homem forte, o manto, as sandálias franciscanas, a cor branca usada para escrita do primeiro enunciado, a palavra paz, a ressignificação da palavra luta, a ressignificação da combinação de alguns signos ideológicos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva enunciativo-discursiva do Círculo de Bakhtin e associando algumas considerações relevantes da Gramática do Design Visual, propusemos, neste trabalho, a análise de um texto multimodal do gênero discursivo cartaz de campanha comunitária. A partir deste exercício, tivemos a oportunidade de rever os conceitos de ideologia e signo ideológico

propostos pelo Círculo. Revisitamos a questão dos discursos que reverberam de/em outros discursos, que refletem e refratam suas ideologias, partindo de enunciados únicos, que se materializam em outros enunciados igualmente únicos, devido aos seus contextos, enunciadores, receptores.

Como escolhemos um texto cuja multimodalidade é explícita, constatamos que signos verbais e não verbais foram combinados de forma a reforçar um conteúdo e transmitir uma ideologia, neste caso uma ideologia de paz nas escolas, mostrando que *todos* podem se envolver de forma pacífica neste movimento. Houve a combinação de posições (direita, esquerda, em cima, embaixo), elementos visuais (homem forte, óculos, túnica, sandálias franciscanas, sorriso brando), simbologias (cor branca, coração feito a partir de duas mãos de cores diferentes) e elementos verbais (palavras paz, vamos todos cultivar, Mahatma Gandhi) que transmitiram a mensagem de forma significativa para o contexto da campanha.

Evidenciamos a questão dos discursos que reverberam no tempo e no espaço quando optamos pela análise de um texto produzido em 2018, que retoma um pacifista indiano, cujo engajamento pela paz é ainda mais antigo, e que traz uma mensagem a qual nos pautamos em abril de 2023 para atrair a atenção dos envolvidos com a educação em todos os níveis no momento de grande tensão, dadas as ameaças de massacre em massa por todo o Brasil.

Enfim, estamos falando de um caminho sem volta, pois ter a capacidade de olhar para um texto multimodal pela perspectiva bakhtiniana e da Gramática do Design Visual é entender além do que se vê em um primeiro momento, em uma leitura ingênua, é, além de fascinante, libertador, pois temos a possibilidade de exercer a criticidade com o propósito de responder ao discurso alheio cientes de nossos atos e discursos responsivos. Nesse sentido, reforça-se a necessidade de tratar desse assunto na formação dos estudantes de Letras e Pedagogia, já que são estes os professores que lidam diretamente com a linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2007, p. 21-38

BBC NEWS BRASIL. **Tiros em Suzano**: 10 casos de massacres em escolas que chocaram o mundo. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47558612>. Acesso em: 13 fev. 2023

BIMBATI, A. P. Brasil teve 8 ataques em escolas no últimos 10 anos. **Portal UOL**. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/04/brasil-teve-8-ataques-em-escolas-nos-ultimos-10-anos-veja-os-casos.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRAIT, B (org.). **Bakhtin e o Círculo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 9-31.

CEREJA, W. Significação e Tema. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 201-220

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

LEAL, A. A. **A Organização Textual do Gênero Cartoon**: aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos. 2011, 462 f. Tese (Doutorado em Linguística e Teoria do Texto) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/6646>. Acesso em: 12 dez. 2020.

LEAL, A. (2021). A multimodalidade em sala de aula: Proposta para o trabalho de textos com imagens. In: RODRIGUES, L. P.; PEREIRA, T. M. A. (orgs.). **Tecendo os Fios da Educação em Tempos de Resistência**: metodologia de ensino, ciência e inclusão. Campina Grande: EDUEPB, 2021. V.6. p. 113-133. (Coleção Ensino & Aprendizagem). Disponível em: <https://uepb.edu.br/6o-volume-da-colecao-ensino-aprendizagem-traz-reflexoes-sobre-educacao-em-tempos-de-resistencia>. Acesso em: 04 mar. 2025

MANZONI, R. M; AFONSO, M.; RODRIGUES, L. A. **Ferramentas Didáticas para o Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica**: o quê, por que e como ensinar. Bauru-SP: Canal 6, 2021.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 115-131

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 167-176.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The grammar of visual design**. 3.ed. London: Routledge, 2021.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin**. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, 2010.

SOBRAL, A. **A filosofia primeira de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 201-220.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 201-220

VEJA. Atiradores matam alunos e funcionários em escola de Suzano. <https://veja.abril.com.br/brasil/tiroteio-deixa-feridos-em-escola-estadual-de-suzano>. Acesso em: 13 abr. 2023.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018

SOBRE OS AUTORES

JULIANA PIMENTEL AJALA

Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade São Francisco (USF). Integrante do Grupo de Estudos Alter-Lege, Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino (LABOR) e do Laboratório de Letramento Acadêmico da USF. Atualmente, é professora de Português na Secretaria de Educação do Município de Jundiá-SP.

E-mail: jpajala77@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9677-0469>

MILENA MORETTO

Licenciada em Letras, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade São Francisco (USF). É vice-líder dos grupos de pesquisa ALTER-LEGE/USF e Relações de Ensino e Trabalho Docente. Atualmente é Professora Associada na Universidade São Francisco (USF), atuando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação no Campus de Itatiba-SP.

E-mail: milena.moretto@usf.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1924-1678>

LUZIA BUENO

Professora no curso de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade São Francisco (USF). Bolsista de produtividade do CNPQ. É doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Líder do grupo ALTER-LEGE e vice-líder do grupo ALTER-AGE. É uma das coordenadoras do Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino (LABOR) e do Laboratório de Letramento Acadêmico da USF.

E-mail: luzia_bueno@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1397-1482>

SOBRE ESTE ARTIGO

HISTÓRICO

Recebido em: 10/01/2025 | Aprovado em: 19/03/2025 | Publicado em: 12/04/2025

LICENCIAMENTO

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

COMO CITAR

AJALA, J. P.; MORETTO, M.; BUENO, L. Análise de um cartaz de campanha comunitária pela perspectiva enunciativo-discursiva do círculo de Bakhtin. **Revista Formação**, v. 2, e014. <https://doi.org/10.71098/revfor.upe.e014>

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas de Paula Chaguri (UPE)

E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>